

# Jane Austen: a mulher diante do casamento na sociedade inglesa do século XVIII

Sâmia Elene Lobato<sup>1</sup>

## Resumo

A presente pesquisa bibliográfica teve como objetivo estudar a mulher na sociedade inglesa do século XVIII com base na obra de Jane Austen. Para tanto foi realizada uma análise dos livros *Razão e Sensibilidade* e *Orgulho e Preconceito*, ambos de Austen, onde se encontra aspectos que revelam o papel da mulher na Inglaterra do século XVIII, diante do ideal disseminado para a educação feminina, bem como do modelo de casamento que passa a ser defendido nesse período. Ao mesmo tempo, ressalta-se a representação das mulheres, como escritoras, leitoras e protagonistas, no romance inglês do século XVIII, gênero literário que se fortaleceu nesse contexto social. Além disso, foi necessário conhecer as principais características da escrita austenianas, uma vez que, através da análise feita de suas protagonistas (ou heroínas) é possível se compreender o ponto de vista da autora sobre as principais questões e dificuldades presentes no cotidiano das mulheres na sociedade inglesa dessa época.

**Palavras-chaves:** Jane Austen, romance, mulher.

## Abstract

This literature review aimed to study women in English society of the eighteenth century based on the work of Jane Austen . Therefore , an analysis of the books *Sense and Sensibility* and *Pride and Prejudice* , both Austen , where aspects that reveal the role of women in eighteenth-century England , before the widespread ideal for female education , as well as model wedding happens to be defended in this period . At the same time , it emphasizes the representation of women as writers , readers and protagonists , in eighteenth-century English novel , literary genre that has strengthened this social context . Furthermore, it was necessary to know the main features of writing austenianas , since, through analysis of its protagonists (or heroines ) it is possible to understand the author's point of view on the main issues and difficulties in the daily lives of women in English society of that time .

**Keywords:** Jane Austen, novel, woman.

## 1. Introdução

Com a ascensão da burguesia, a sociedade inglesa sofreu mudanças significativas que implicaram na reconfiguração de valores, padrões e regras de conduta tanto para o homem como para a mulher, resultando em uma nova concepção de casamento, que passou a ser visto pela burguesia puritana como uma união que deveria ser motivada pelo sentimento amoroso

---

<sup>1</sup> Especialista em Literaturas Portuguesa e Africanas (UFRJ, 2015), graduada em Letras – Português e Inglês (FAMA, 2014), professora de língua portuguesa da rede municipal de ensino. E-mail samialobato@hotmail.com

(VASCONCELOS, 1995, p. 86). Com isso, os casamentos de conveniência foram, aos poucos, substituídos pelos casamentos por amor, o que tornava crucial a escolha do cônjuge.

Esse novo ideal de matrimônio era discutido no cotidiano inglês do século XVIII e aparece frequentemente nas obras de Jane Austen. No entanto, a autora apresenta tipos de casamentos que revelam que o ato de casar para uma mulher inglesa desse período não representava, simplesmente, uma escolha pessoal, mas era, sobretudo, uma necessidade para a sua sobrevivência no meio social. A situação da mulher em relação ao casamento na sociedade inglesa do século XVIII e a visão de Austen acerca das formas de matrimônio são questões a serem discutidas neste artigo, a partir da análise de duas importantes obras da escritora inglesa: “Razão e Sensibilidade” e “Orgulho e Preconceito”.

## **2. O Casamento na Inglaterra do século XVIII**

Na maior parte das sociedades rurais, o casamento se baseava, em grande medida, nos interesses familiares e de grupo, não importando os sentimentos pessoais dos noivos. No entanto, de acordo com MacFarlane (1990), na Inglaterra dos séculos XVIII e XIX, o casamento não era uma necessidade imposta pela sociedade, mas era uma escolha realizada exclusivamente pelo noivo e pela noiva. Para o autor, o país seguia práticas muito raras e antigas que teriam sido abandonadas pelos demais países do continente europeu. Tais práticas incluíam: a liberdade dos jovens na escolha do cônjuge, a realização do casamento em uma idade tardia, a não necessidade do consentimento paterno para a oficialização jurídica do matrimônio e a maior frequência de casamentos por afeto ou por amor.

Se por um lado, a sociedade inglesa do século XVIII valorizasse a escolha individual dos jovens para a realização do casamento, por outro, ela não oferecia outras possibilidades para que as mulheres ocupassem um lugar real nessa sociedade. Havia poucas chances de autossuficiência econômica para elas e quase nenhum acesso ao mundo do trabalho. Aquelas que, por alguma razão, ficavam solteiras tinham como opções “ou um trabalho mal remunerado ou a dependência pura e simples” (VASCONCELOS, 1995, p. 87) e as mais pobres, por sua vez, se aventuravam em três alternativas: o trabalho como costureira, criada ou prostituta.

Segundo MacFarlane (2010), as jovens inglesas casavam-se por volta dos vinte e seis anos, uma idade considerada tardia nos demais países europeus. O autor afirma que elas não se sentiam pressionadas pela família, ou pela sociedade, por não concretizarem o matrimônio mais cedo. Em contrapartida, Biguelini (2009) afirma que as inglesas com idade maior de

vinte e seis eram consideradas *spinsters* (solteironas, em inglês), uma expressão de valor pejorativo atribuída às mulheres que demoravam a se casar ou que não se casavam.

No romance *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen, a personagem Charlotte Lucas, melhor amiga da protagonista Elizabeth Bennet, aos vinte e sete anos, ainda não havia se casado. Essa circunstância preocupa a personagem que, além de não ser muito bela fisicamente, não possuía um dote tão vantajoso, o que reduzia ainda mais as suas chances no “mercado matrimonial”. Dessa maneira, para garantir a sua segurança econômica, Charlotte aceita o pedido de casamento feito pelo sr. Collins, embora não o amasse:

- Eu sei o que você está sentindo – replicou Charlotte. – Você está admirada porque Mr. Collins há tão pouco tempo ainda desejava se casar com você. Mas quando você tiver tempo de pensar sobre o assunto, espero que aprove a minha decisão. Bem sabe que não sou romântica. Nunca fui. Desejo apenas um lar confortável. E, considerando o caráter de Mr. Collins, as suas relações e a sua situação na vida, estou convencida de que tenho as mesmas possibilidades de ser feliz no casamento que a maioria das outras mulheres. (AUSTEN, 1982, 118)

Mesmo tendo o direito de decidir casar-se ou não, Charlotte Lucas (assim como a maioria das mulheres do século XVIII) encara o pedido de casamento como uma possibilidade de se livrar de um futuro sem perspectivas na sociedade, como uma solteirona (*spinster*), além de encontrar em tal proposta uma forma de não necessitar da ajuda alheia para seu sustento e de não ser um fardo para seus pais, ou seus irmãos (ou outros parentes) ou amigos. Por considerar o matrimônio mais uma necessidade do que uma simples escolha, a personagem passa a ignorar quaisquer desejos e pensamentos românticos.

Segundo MacFarlane (2010), embora a reforma anglicana permitisse o divórcio, entre 1603 e 1837, o casamento na Inglaterra foi praticamente indissolúvel. O casamento, que era um simples rito religioso, passou a exigir leis civis que o regulamentassem, sendo que, em 1753, o governo inglês aprovou o Ato do Casamento de Hardwick, que estabelecia uma série de normas ao ato matrimonial, dando-lhe status legal. Tais normas restringiam as possibilidades de se obter o divórcio.

O autor destaca que restaram apenas três maneiras de se conseguir o divórcio: as *separações judiciais*, que não davam direito a um novo casamento; o *divórcio propriamente dito*, concedido por uma lei do Parlamento do século XVII, considerado muito difícil de conseguir; e *as duas táticas empregadas pela maioria da população*, a primeira era a prática de uniões “clandestinas”, isto é, as que não eram reconhecidas pela lei, o que facilitava uma eventual separação; a segunda, por sua vez, era a prática de *wife-selling* (venda da esposa), na qual o casal podia estabelecer o próprio divórcio, sem envolvimento judicial.

As possibilidades tão restritas de divórcio tornavam o ato de casar uma estratégia de alto risco, sobretudo para as mulheres. Enquanto as mulheres de outras sociedades recebiam o apoio do grupo familiar de origem após o divórcio ou separação, na Inglaterra a situação era menos favorável. Não havia grupo familiar ao qual as mulheres inglesas pudessem retornar após o divórcio, uma vez que nem os pais, nem os irmãos ou outros parentes tinham a responsabilidade de amparar essas mulheres, que, no ato da separação, também corriam o risco de perder a guarda dos filhos.

Diante dessa realidade, os casamentos teriam o propósito de durar toda a vida do casal, por isso a maioria das sociedades europeias do século XVIII considerava o matrimônio uma questão de extrema importância para ser deixada à decisão das duas pessoas envolvidas, geralmente muito jovens; sendo assim, eram os pais que escolhiam os pretendentes para seus filhos e decidiam diversos detalhes do matrimônio dos mesmos. Diferentemente, na Inglaterra do século XVIII, o consentimento paterno não representava um requisito obrigatório para a legitimação jurídica do casamento, nem para a anulação da união.

Entretanto, deve-se ressaltar que, apesar da autorização dos pais não ser obrigatória no sistema matrimonial inglês, a opinião da família e as pressões sociais exerciam forte influência sobre a escolha dos noivos, uma vez que muitos filhos necessitavam da ajuda financeira garantida pelo apoio paterno para conseguirem manter suas casas. Nos séculos XVIII e XIX era comum os primogênitos de proprietários de terra se casarem com a moça que fosse aprovada pela família, pois se não atendessem a preferência de seus pais poderiam ser deserdados. Em *Razão e Sensibilidade*, por exemplo, Edward Ferrars é deserdado, quando rejeita um casamento arranjado por sua mãe para cumprir uma promessa feita a Lucy Steele; conseqüentemente, o direito sobre a herança da família é transferido ao seu irmão mais novo, Robert Ferrars, que, ironicamente, é quem acaba fugindo e casando-se com Lucy (AUSTEN, 2002, p. 359 e 351).

Além disso, o valor do dote de uma moça também era definido de acordo com o desejo e a disponibilidade dos pais. Um dote maior facilitava na conquista de um marido, uma vez que a união demonstrava-se vantajosa economicamente para ele, que, por sua vez, recebia legalmente a quantia do dote de sua noiva após o casamento. Diferentemente, uma moça que dispunha de um dote menor encontrava maiores dificuldades para se casar, já que o valor de seu dote não atraía a atenção dos pretendentes.

É interessante observar que, tanto em *Razão e Sensibilidade*, quanto em *Orgulho e Preconceito*, o valor do dote das heroínas de Austen não é vantajoso, sendo que, muitas vezes, esse aspecto torna essas protagonistas um alvo das críticas e do desprezo de alguns

personagens pertencentes à alta aristocracia. No entanto, apesar das dificuldades, o valor do dote não impede que elas tenham êxito no casamento. Em *Orgulho e Preconceito*, por exemplo, tanto Elizabeth, quanto Jane conseguem casamentos que lhes proporcionam uma considerável ascensão social, apesar de ambas possuírem um dote pequeno. Semelhantemente, em *Razão e Sensibilidade*, as irmãs Elinor e Marianne também encontram bons maridos, apesar de disporem de uma quantia muito pequena que receberam do irmão como dote.

Um dos grandes debates do século XVIII centrava-se nas vantagens e desvantagens do casamento por amor e do casamento por conveniência. Acredita-se que o novo ideal do amor passou a ser um elemento fundamental que, “além de valorizar a família, permitia a mobilidade social entre burguesia e aristocracia” (VASCONCELOS, 1995, p. 89). Nos romances de Jane Austen, o casamento por amor aparece como modelo ideal, quando comparado às demais formas de se chegar ao matrimônio. Vale ressaltar que o amor nas obras de Austen não pode ser entendido como um sentimento unicamente físico, mas, sobretudo, como um ato de aprovação do caráter moral da pessoa amada.

### **3. As formas de matrimônio nos romances austenianos**

O tema central dos romances de Jane Austen gira em torno do casamento da protagonista. Tal casamento se enquadra ao novo modelo de matrimônio, que já se configurava na Inglaterra do século XVIII, caracterizado principalmente pela escolha do cônjuge e pelo sentimento amoroso como a razão pela qual se casar. Dessa maneira, Jane Austen não cria uma nova forma de matrimônio, mas legitima o casamento por amor baseado na escolha individual. Para tanto, a autora apresenta em suas obras uma variedade de casamentos, que podem ser divididos em: uniões por conveniência, uniões oriundas de uma paixão física e uniões bem-sucedidas, pautadas no sentimento amoroso.

As uniões por conveniência são aquelas que ocorrem quando não há afeto mútuo entre os noivos que, por sua vez, encaram o casamento, simplesmente, como uma necessidade ou uma exigência a ser cumprida. O casamento de Charlotte com o sr. Collins (*Orgulho e Preconceito*) exemplifica esse tipo de matrimônio, pois não havia sentimento de amor ou apreço entre os personagens, uma vez que o sr. Collins considerava tal união apenas o cumprimento de uma exigência imposta a ele como clérigo e Charlotte, a garantia de sua estabilidade econômica e social.

É importante ressaltar que, tendo em vista a situação da mulher na sociedade inglesa do século XVIII, Austen não nega a necessidade de casamentos como o de Charlotte Lucas (*Orgulho e Preconceito*), no entanto, para a autora, um casamento sem amor levaria a uma felicidade incompleta.

Em *Razão e Sensibilidade*, Marianne, a heroína que representa a sensibilidade na obra, expressa o seu ponto de vista sobre esse modelo de matrimônio ao falar de um possível casamento do coronel Brandon com uma moça de vinte e sete anos:

- Uma mulher com vinte e sete anos – afirmou Marianne, depois de pensar por um momento – jamais pode ter esperança de inspirar afeto. Se sua casa for desconfortável e sua fortuna pequena, suponho que deva se submeter a desempenhar as funções de enfermeira do marido a fim de garantir a manutenção e segurança de sua vida como esposa. Casar-se com uma mulher nestas condições nada teria de impróprio, mas seria um pacto de conveniência e o mundo ficaria satisfeito. Aos meus olhos, no entanto, este não seria um casamento, de maneira alguma. Para mim, significaria apenas um contrato comercial em que cada qual se beneficiaria à custa do outro. (AUSTEN, 2002, p. 41)

Para Marianne, um casamento de conveniência nada mais era do que uma transação econômica, onde os interesses financeiros ou jurídicos eram muito mais importantes do que os próprios sentimentos do casal. A personagem não acreditava que um casal pudesse, de fato, ser feliz nesse modelo de matrimônio.

O casamento de Willoughby (*Razão e Sensibilidade*) também se enquadra nas uniões por conveniência. Logo após a chegada da sra. Dashwood com suas filhas ao chalé de Barton Park, Willoughby conhece Marianne e passa a visitá-la com frequência. O comportamento gentil e o bom humor do rapaz, além de encantarem a moça, levam as pessoas ao redor a crerem em um possível noivado entre os dois. Entretanto, Willoughby perde o direito sobre a herança de sua prima idosa (sra. Smith) por desonrar uma moça (a afilhada do coronel Brandon). Então, o jovem deixa Marianne, repentinamente, para casar-se com uma moça com uma grande fortuna, a srta. Grey. Já casado, Willoughby tenta justificar as suas atitudes para Elinor, afirmando que para acertar a sua situação financeira foi necessário casar-se com uma jovem de fortuna; além disso, o cavalheiro declarou a veracidade de seu amor por Marianne e a sua enorme infelicidade no seu casamento ao dizer: “*Felicidade conjugal está fora de questão...*” (AUSTEN, 2002, p. 320).

Jane Austen também apresenta as uniões que se pautaram em um sentimento unicamente físico ou, ainda, que resultaram de uma atitude imprudente de um ou de ambos os noivos. Esse modelo de matrimônio é reprovado pela autora não só por provocar a

infelicidade do casal, mas por trazer prejuízos tanto para as pessoas que se unem quanto para a honra e o bom nome da família das mesmas.

Em *Orgulho e Preconceito*, o casamento de Lydia com Wickham, por exemplo, sucede à fuga dos mesmos, por isso é um acontecimento inesperado que causa grande desespero a toda a família Bennet. Ao ficar sabendo de tal fuga, Elizabeth fica angustiada e teme pela desonra de sua irmã e de toda a família, ao mesmo tempo, lembra-se do caráter corrupto e incerto de Wickham que, por sua vez, exige uma grande quantia para casar-se com Lydia. Esse valor é pago pelo sr. Darcy, que, com tal atitude impediu que Lydia, naquelas circunstâncias, fosse abandonada e levasse o bom nome da família à ruína.

Na carta que o sr. Collins escreve ao sr. Bennet, ele menciona a gravidade do ato de Lydia: “A morte de sua filha seria uma bênção em comparação com o que se sucede agora” (AUSTEN, 1982, p. 258). Além disso, ele fala das implicações que esta união causaria à reputação das demais senhoritas Bennet: “... este mau passo de uma de suas filhas será prejudicial para o futuro de todas as outras...” (*idem*). Elizabeth, por sua vez, ao refletir sobre o casamento de sua irmã mais nova com Wickham concluiu que “... um casal que tinha se unido por paixões mais fortes do que a sua virtude tinha diminutas possibilidades de felicidade duradoura” (*Ibid.*, 271).

Para Jane Austen, um casamento que surgisse simplesmente de uma paixão física, sem a admiração e a aprovação das virtudes do cônjuge, não poderia ser bem sucedido. O casamento entre o sr. e a sra. Bennet, por exemplo, foi motivado apenas pela beleza física da sra. Bennet. Isso significa que com o passar do tempo, essa beleza se esvaiu, restando somente a inteligência medíocre, pouca cultura e gênio instável da esposa e a falta de estima e compreensão do esposo:

Se as opiniões de Elizabeth se originassem do exemplo dado pela sua própria família, a sua ideia de felicidade conjugal e de conforto doméstico não poderia ser das mais lisonjeiras. Seu pai, cativado pela mocidade, beleza e aparência de bom humor que a juventude em geral confere às mulheres, tinha se casado com uma pessoa de débil compreensão e de ideias estreitas; muito pouco tempo depois do casamento, esses defeitos haviam extinguido toda a afeição sincera que tinha por ela. O respeito, a estima, a confiança tinham desvanecido para sempre [...]. Elizabeth, no entanto, nunca fora cega aos defeitos do pai como marido [...] ela se esforçava por esquecer e bania dos seus pensamentos essas contínuas irregularidades de conduta conjugal que, expondo a mãe ao desprezo das próprias filhas, era portanto repreensível. Mas nunca sentia fortemente como agora as desvantagens que devem sofrer os filhos de um casal tão pouco unido[...] (AUSTEN, 1982, p. 210).

Segundo Biguelini (2009), Jane Austen defende um modelo de casamento oriundo de um sentimento mútuo que une razão e sensibilidade, ao mesmo tempo. Isso significa que para Austen o amor sem razão não é verdadeiro por, muitas vezes, conduzir alguém ao engano e à ruína. Por outro lado, os casamentos por motivos apenas racionais, desprovidos de afeto mútuo, proporcionam uma vida conjugal infeliz.

Esse modelo representa as uniões bem sucedidas e aparecem nos romances de Austen como uma conquista das protagonistas e como a forma ideal de matrimônio, uma vez que o casamento dessas heroínas é uma união bem sucedida, caracterizada pelo respeito, pela igualdade de pensamento, pela confiança, pela aprovação do caráter do cônjuge e pela companhia harmoniosa.

Em *Razão e Sensibilidade*, o casamento de Elinor Dashwood com Edward Ferrars parece improvável no decorrer da narrativa por dois motivos principais: o plano da mãe de Edward de casá-lo com uma moça mais rica e o noivado secreto de Edward com Lucy. Elinor, mesmo apaixonada por Edward, não declara o seu amor por não conhecer os sentimentos dele que, por sua vez, era um rapaz reservado cujos modos eram discretos e moderados.

Tanto Elinor quanto Edward são personagens que procuram na razão uma forma de manterem o decoro para evitarem possíveis críticas sociais. Porém, o casamento entre ambos só é possível quando Edward consegue, finalmente, se livrar de um compromisso com Lucy, uma moça que não amava, sem precisar fazer nada desonroso e quando eles, finalmente, aprendem a demonstrar o seu amor: “*Ambos haviam decidido viver juntos devido a uma atração mútua... e se conheciam bem o suficiente para terem certeza de que seriam casados*” (AUSTEN, 1982, p. 355).

Vale ressaltar que o sentimento que uniu Elinor a Edward não é uma simples paixão física, mas uma admiração de ambas as personalidades e uma aprovação dos valores que cada um possui, pois para Jane Austen o amor deve ser provado por meio de atitudes que revelem as virtudes do caráter de quem ama.

Nessa perspectiva, o casamento entre Marianne e Willoughby (*Razão e Sensibilidade*) não poderia acontecer, embora houvesse um amor idealizado entre ambos. Marianne, apaixonada por Willoughby, vai a Londres juntamente com a irmã e a sra. Jennings e lá, ela descobre o verdadeiro caráter de Willoughby que, por sua vez, iria casar por dinheiro e havia desonrado uma moça.

A paixão por Willoughby quase conduz a protagonista à ruína e à morte, pois ao desiludir-se com o seu amado, Marianne além de ficar gravemente doente, torna-se alvo dos

comentários maldosos. No decorrer da narrativa, Marianne, que possuía uma sensibilidade aguçada, adquire maturidade ao perceber que o amor também deve ser, em parte, racional e ela aprende a amar um homem mais digno de seu afeto, o coronel Brandon.

Ao longo da narrativa de *Orgulho e Preconceito*, a protagonista Elizabeth Bennet é a única personagem do romance que recebe três propostas de casamento: a primeira foi feita pelo sr. Collins, a segunda e a terceira, pelo sr. Darcy. As duas primeiras propostas são rejeitadas pela heroína e a última é aceita por ela.

Apesar de ouvir frequentemente sobre a necessidade de casar-se o mais rápido possível, Elizabeth não apresenta a mesma preocupação de Charlotte Lucas. Diferentemente da amiga, a protagonista não via o casamento como uma simples possibilidade de ter segurança e estabilidade econômica no futuro, mas a jovem buscava um casamento que correspondesse aos seus próprios ideais.

Logo, Elizabeth não aceita casar-se com o sr. Collins ao declarar que os seus sentimentos a impediam de aceitá-lo, embora ele fosse o herdeiro legítimo do sr. Bennet e um casamento com ele assegurasse a ela, a sua mãe e a suas irmãs um lar confortável na propriedade da família. A atitude da personagem, que causa certo incômodo na sua mãe e em alguns vizinhos, revela o poder de suas convicções pessoais sobre as opiniões alheias que consideravam o casamento um simples ato de conveniência.

De modo semelhante, Elizabeth rejeita a primeira proposta de casamento feita pelo sr. Darcy, mesmo que tal união fosse economicamente vantajosa e lhe proporcionasse uma ascensão social. No entanto, ao confessar os seus sentimentos a Elizabeth, o sr. Darcy admite as desvantagens que teria ao se unir com alguém pertencente a uma classe inferior a dele:

[...] Eu poderia ter evitado as suas amargas acusações, se me tivesse mostrado mais hábil, escondendo-lhe as minhas lutas e fazendo crer que era movido por uma inclinação a que nada se opunha, nem a razão, nem a reflexão, nem qualquer outro motivo... Pode exigir de mim que me felicite pela inferioridade social de seus parentes? Ou que me alegre com a esperança de me relacionar com pessoas de condição inferior à minha? (AUSTEN, 1982, p. 17)

Em suas palavras, o sr. Darcy, embora apaixonado por Elizabeth, expressa certo orgulho e desprezo por ela e por sua família. Diante disso, Elizabeth rejeita a proposta do rapaz por já possuir uma opinião formada sobre ele e por considerar as suas atitudes arrogantes; dessa forma, até aquele momento, o sr. Darcy ainda não atendia às expectativas da moça, que almejava que o seu futuro marido fosse um homem com virtudes nobres e generosas.

Como já mencionado, o amor nas obras de Jane Austen deve ser provado por quem ama através de atitudes louváveis. Sendo assim, o sr. Darcy teve que mostrar as suas qualidades por meio de ações generosas, como os seus esforços na recuperação da boa reputação da família Bennet, auxiliando no casamento de Lydia com Wickham. Além disso, o sr. Darcy provou a integridade do seu caráter ao revelar o passado de Wickham para Elizabeth.

Ao perceber a veracidade dos sentimentos de Darcy, Elizabeth se apaixona por ele e aceita a segunda proposta de casamento feita pelo jovem. Dessa vez, a moça reconhece que a sua união com o sr. Darcy seria bem sucedida, pois iria de encontro aos seus principais ideais.

Os casamentos de Elinor com Edward, Marianne com o Coronel Brandon e Elizabeth com Darcy, além de serem bem sucedidos, exemplificam o ideal de matrimônio defendido na sociedade inglesa do século XVIII, caracterizado, principalmente, pela escolha individual dos noivos e pelo sentimento amoroso entre os mesmos. No entanto, eram raros os casamentos que, de fato, se baseavam nesse ideal, uma vez que a maioria dos matrimônios realizados nesse período ainda se pautava, principalmente, na conveniência econômica e social, devido à situação delicada das mulheres inglesas na sociedade.

Ao apresentar várias formas de se chegar ao matrimônio, Jane Austen reconhece que nem sempre a felicidade era possível no casamento, especialmente para uma mulher que encarava a união como o cumprimento de uma simples exigência social. Para Austen, a felicidade no matrimônio só era possível com o amadurecimento dos noivos e quando o sentimento que unisse o casal se originasse de uma combinação de razão e sensibilidade.

#### **4. Considerações finais**

A partir da elaboração deste trabalho percebeu-se a inquestionável relevância da obra de Jane Austen no tocante à questão da mulher na sociedade inglesa do século XVIII, uma vez que seus personagens figuram os membros das principais classes sociais desse período (a alta e a baixa aristocracia) e a trajetória das suas heroínas tipifica a vida de muitas mulheres inglesas nessa sociedade.

Logo, a análise das obras *Razão e Sensibilidade* e *Orgulho e Preconceito* de Austen possibilitou a identificação e a caracterização de importantes aspectos referentes ao ser feminino no romance inglês dos séculos XVIII e XIX, bem como ao papel social da mulher na sociedade inglesa dessa época, em relação à educação e ao casamento.

Jane Austen, assim como algumas escritoras do século XVIII e início do século XIX, utilizou o novo gênero literário para denunciar, embora sutilmente, a situação das mulheres de seu tempo. Nesse sentido, os romances da autora apresentam, como protagonistas, jovens que

vivenciam situações comuns no cotidiano das mulheres do século XVIII, uma vez que a narrativa gira em torno dos esforços dessas heroínas na tentativa de conseguirem um bom matrimônio, uma conquista que estava diretamente ligada à felicidade feminina.

No entanto, antes que o seu casamento finalmente aconteça, a heroína de Austen deve passar por um processo de amadurecimento, no qual ela tem que enfrentar situações adversas com as quais ela passa a adquirir uma nova postura diante das mais diversas circunstâncias de sua vida.

Além disso, é possível observar que o casamento das protagonistas de Austen revela as principais características do modelo de matrimônio defendido na Inglaterra do século XVIII, que defendia a escolha individual do cônjuge e o amor como principal motivação para o casamento.

Todavia, ainda que se defendesse esse ideal de matrimônio, muitas mulheres desse período ainda viam o casamento não só como uma escolha individual, mas como um meio necessário para a sua sobrevivência na sociedade. Esse aspecto é abordado por Jane Austen, que, através dos casamentos de seus personagens, apresenta tipos de matrimônios ao descrever a origem e as consequências dos mesmos.

Dessa maneira, Austen critica casamentos que se baseiam, simplesmente, em uma efêmera paixão física ou em um acordo econômico. Para a autora, na concretização do matrimônio, tanto o homem como a mulher deve unir-se ao seu cônjuge por meio de um sentimento intenso e forte, caracterizado, não só pelo afeto e pela admiração entre ambos, mas pela sensatez e integridade do caráter do ser amado.

Considerando o contexto social inglês dos séculos XVIII e XIX no que se refere às limitações impostas às mulheres, pode-se afirmar que Jane Austen foi uma mulher à frente do seu tempo, não apenas por escrever, mas por utilizar a escrita para deixar as suas impressões de seu meio social, dando voz às mulheres de seu tempo, que eram retratadas, na maioria das vezes, apenas pela escrita masculina.

### **Referências bibliográficas**

ARIÈS, Philippe. **História Social da criança e da família**. Trad. Dora Flaskman. 2 ed. LTC: São Paulo, 1981.

AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. Trad. de Lúcio Cardoso. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

AUSTEN, Jane. **Razão e Sensibilidade**. Trad. Therezinha Monteiro Deutsch. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

BIGUELINI, Elen. **O triunfo do casamento por amor: Jane Austen e o matrimônio**. Paraná: UFPR, 2009.

BLACKSTONE, William. **Commentaries on the Laws of England**. Disponível em: <<http://www.lonang.com/exlibris/blackstone/>> Acesso em: 03 de novembro de 2013.

CASTELLANOS, Gabriella. **Laughter, War and Feminism – Elements of Carnival in three of Jane Austen’s novels**. In: PACHECO, Maria Regina; SOUZA, Fernandes Ferreira da. **A Representação da voz feminina nas personagens centrais de Austen em Emma e Orgulho e Preconceito**. Revista Ave Palavra. 11 ed. Cuiabá: UNEMAT, 2011.

GOMES, Anderson Soares. **Mulheres, Sociedade e Iluminismo: o surgimento de uma filosofia profeminista na Inglaterra do século XVIII**. Matraca, v.18, n.29, p.31-51. Rio de Janeiro, 2011.

HILL, Christopher. **O mundo de ponta-cabeça: ideias radicais durante a revolução inglesa de 1640**. Trad. Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

MACFARLANE, Allan. **História do casamento e do amor na Inglaterra**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. **Construções do feminino no romance inglês do século XVIII**. Revista Polifonia, v. 2, p. 85-100. Cuiabá. Ed UFMT, 1995.

VASCONCELOS, Sandra Guardini. **Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

WATT, Ian. **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.